

É PERIQUITO, SÁ BIA?

Mary Ribas

2ª edição para o Clube dos Autores

www.clubedosautores.com.br

Versão de bolso, 2019

Ilustração da capa: Fernando Cunha

AGRADECIMENTOS

Que este livrinho de crônicas e histórias bem-humoradas possa levá-lo (a) a meu mundo de fantasias ou realidades pitorescas. Agradeço do fundo de meu coração a todos aqueles que colaboraram para a realização do mesmo.

Maria da Conceição Ribas de Souza (Mary Ribas), Curvelo, 2019

ÍNDICE

Agradecimentos	02
Prefácio	06
É periquito, Sá Bia?	07
Faz de conta	07
Vovô Oliveiro	09
Vovó Du	10
Bons tempos aqueles	11
O que era doce se acabou	13
Fazenda do Maquiné	13
Laranjal proibido	14
Na despensa	15
A vingança do louro	15
Coroações de Nossa Senhora	16
Tô cum pressa	17
Tia Calina	18
Assombração	19
Tia Hebe	20
Sons da saudade	21
Zé Dentão	22
Capitães de Nonô	23
Sá Cândia	24
Rua direita	25
Poste de ferro	25
Antepassado distraído	26
O Chafariz da Praça Santa Rita: água limpa, rara e enriquecida	27
Distraída eu?	27
Piaba no leite	29
Colega	30
Tio Vicente	31
Linguagem empolada	32
O cobiçado	33

Bagagem trocada	34
Cola na prova de latim	34
Duas em Sampa	35
O alforje	36
Café na cama	37
Uma visita noturna	38
A promessa	39
Botas pra que te quero	40
Um burro muito atrevido	41
Carregando Jesus morto	42
Retaguarda desprotegida	43
Método infalível para emagrecer	43
Zé de minha madrinha	44
A tragédia	45
Sapato novo	46
Onça gosta de serra	46
Faltou o Principal	47
Questão de interpretação	48
Mal-entendido	49
Um sonho realizado	50
Vovó Izabel	51
Fazenda do Banheiro	51
Dentaduras	52
Sufoco	53
Boi ou vaca	54
Vacina em dose dupla	54
O apelido do c (*)	55
Pé de timosfera	56
Cine Brasil	57
Cassetada	58
Tite	59
Curvelo de minhas lembranças e de meus amores	59
Um abraço	60

Eu queria	61
O prazer tão esperado	62
Cuidados com as palavras	63
As três lágrimas	64
O amante frustrado	65
Meu companheiro	65
Guardião de sonhos	66
Árvore do cerrado	67
Quimeras	68
Saudade, eterna saudade	69
Os passarinhos estão voltando	70
Idade da Sabedoria	71
Sobre a autora	72

PREFÁCIO

Maria da conceição Ribas de Souza, Nome de registro, Mary – apelido que a mãe lhe dera muito antes do nascimento Meróca – carinhosamente chamada por amiguinhos de infância, familiares e suas irmãs de criação!

Mary de muitas mães que já partiram para a companhia de sua mãe biológica que a deixara com quatro meses de vida sem que ela registrasse a imagem física dela. Cercada de carinhos ela foi crescendo... Uma fina penugem capilar deu lugar a cachos...

Olhos sempre empapuçados de tanto chorar...

Perguntavam:

— O que você tem? O que quer?

— Não tenho nada! Não queio nada! Eu só queio é choiá!

Menina franzina, chorona, criticada por seus parentes:

— Ela quer é chamar atenção!

Fora morar em Formiga com seus avós e tios.

Seus aniversários terminavam em lágrimas: demoravam cantar os parabéns esperando o trem que traria seu pai para a festa. E nos seis anos que lá esteve ele não chegou.

Voltando a Curvelo ficou sabendo que seu nome de registro era Maria da Conceição! Estranho? Quem era essa menina?

A família que a criava passava por situação financeira difícil e suas roupinhas tinham por base o fustão branco herdado dos uniformes das primas ricas do Rio que suas tias aproveitavam e criavam novos modelos que incrementavam com estampadinhos ou de bolinhas. E a menina dengosa, chorona foi para a escola. Nunca foi boa aluna, chegou mesmo a repetir o ano! Os namoradinhos eram sempre proibidos ou rejeitados por não serem de “boa família”

De decepção em decepção, de tristeza em tristeza a vida se incumbiu de cuidar de parentes idosos e criar forças onde só Deus sabe onde encontrou.

Meróca foi ficando sozinha a cada partida de um dos seus. Casada, Mary lutou para manter a família estudando, formando e partindo.

Hoje, Mary, cansada quer descansar, unir a família e desfrutar dos anos que Deus puder lhe dar.

É PERIQUITO, SÁ BIA?

Tive uma babá chamada Bia, filha de escravos, criada por minha avó, um amor de pessoa! Bia era a mais velha das “filhas de coração” de minha avó e se tornou meu anjo da guarda!

Como cada elemento da família tinha uma tarefa, minha protetora cuidava de minha aparência: era ela quem me dava banho, lavava meu cabelo que era comprido, e a cada lavada era uma guerra! Eu chorava com o sabão caindo nos meus olhos, pois não havia xampu nem cremes e o cabelo embaraçava. Depois de limpos, e penteados, eram arrumados em tranças!

Pensando em Bia, lembrei-me de um fato interessante ocorrido com ela. Bia, entre suas tarefas, uma era tratar dos passarinhos de meu avô. Num dia em que cuidava do pássaro preto, chegou uma amiga, pessoa muito simples e famosa pelos comentários inoportunos.

Na maior tranquilidade, veio com esta:

— É periquito, Sá Bia?

Que pergunta mais sem noção...!

FAZ DE CONTA...

Quando era criança ouvia lindas estórias e quando brincava com meus amiguinhos, a imaginação corria solta e as brincadeira tão inocentes tornavam nossa vida um mundo faz de conta. Como naquela época não havia televisão em Curvelo, nessas tardes eram ocupadas pelos brinquedos que inventávamos.

A rua sem calçamento naquela época era palco para nossos divertimentos mais inocentes: uma turma pulava corda, outras brincando de roda ou participando do “Brasil contra Alemanha” também conhecida como “Barra Manteiga”. No “Passa gavião”, os pares de mãos dadas passavam pelo túnel até passar o último par, assim como nas quadrilhas.

Os meninos jogavam bolas de gude, brinquedos que eu também participava assim como soltar papagaios. A propósito, eu era perita na montagem de uma bela pipa. Com cinco pedrinhas, assentadas na beira da calçada jogávamos “Cinco Marias” e a estátua era escolhida quando a ordem era dada e todos ficavam paralisados. Era então escolhida a mais bonita ou a mais feia, como combinado antes.

No “Correio sem Selo”, uma mensagem passava de ouvido a ouvido, rapidamente. No final, saía uma frase bem diferente da original. O “Bola Queimada”, jogado até mesmo nas escolas, como campeonatos. Nesses, Nazaré – minha colega do time das órfãs – era campeã. Mas o brinquedo que me deixou mais saudade foram as “Casinhas”.

Debaixo das árvores dos quintais, armávamos nossas casas super varridas por Selma, que era a mais nova e não podia reclamar. As casinhas eram divididas por paus tijolos formando quartos, salas e etc. mesas, cadeiras eram improvisadas e cacos de louças eram nossas vasilhas. Nossas filhas, as bonecas eram batizadas com direito a festinhas onde não faltavam bolos, doces e guaraná.

Lembro-me que eu possuía uma boneca batizada em grande estilo, a Suzana. Possuía pernas e braços e rostinho de louça. A barriguinha era recheada de caroços de algodão. Certa vez, o sarampo me prendeu dentro de casa por vários dias. Ainda por cima chovia a cântaros (como acontecia e se dizia naquela época), esqueci minha filhinha num galho de goiabeira. Ao buscá-la chorei de tristeza: sua barriguinha estava toda brotada.

Os guisados que eram feitos nas panelinhas de ferro, sobre um fogãozinho a lenha, deixando a comida escura e com gosto de fumaça

(mas que delícia!). A fumaceira a gente espantava falando:- “Fumaça pra lá, santinho pra cá...”.

Se havia circo na cidade, o nosso também funcionava debaixo das frondosas mangueiras. Se alguém adoecia, era vez da visita do médico a nossas bonecas, que sofriam os mesmos tratamentos de gente. Quanta imaginação! Tudo acontecia com uma simulação tão perfeita que até podia-se dizer que era realidade e não o nosso mundo do “faz de conta”...

VOVÔ OLIVEIRO

Um assobio obtido com a colocação de dois dedos nos lábios marcava a chegada dele. Aos 60 anos, apesar dos sulcos na pele curtida pelo sol, tinha os cabelos fartos e armados, bem escuros, herdado por sua ascendência indígena. Seus olhos, por trás de lentes grossas, pareciam maiores. Assim era vovô Oliveira. Tropeiro em seus dias de rapaz, caçador em terras de Itabira, numa de suas viagens com uma tropa, veio dar com os costados em Curvelo, onde se apaixonou e casou com sua prima Maria Augusta (Du).

Depois de casados foram morar numa fazendinha chamada Remanso perto de Cordisburgo onde, com muito trabalho e carinho, transformou aquela pequena propriedade em um lar tão aprazível onde todos gostavam de visitar e onde criou sua grande família. A vida na fazenda não conseguiu sufocar seus sonhos; vivia sonhando em uma fazenda maior, com muitas cabeças de gado.

Tendo perto de si um bom ouvinte, enquanto fazia seu cigarrinho de palha, ia desfiando suas estórias de caçador e tropeiro. Eu era sua ouvinte mais assídua, principalmente enquanto preparava sua comida predileta: couve picada fininha por Bia (da qual falarei mais tarde), uma pimenta malagueta esmagada e retirada as sementes, feijão quentinho e farinha de fubá torrado.

Quando tudo estava bem misturadinho, mais alguns torresmos por cima vinha, meu pedido:

— Vovô, conta aquela estória da velhinha que caiu da serra.

Entusiasmado, ele passava a narrar o fato enquanto eu comia com felicidade o seu prato preparado com tanto esmero...

VOVÓ DU

Na verdade eu a chamava de mamãe porque foi ela quem me criou quando sua filha Sílvia morreu e me entregou a ela.

Era uma pessoa de personalidade forte e meiga ao mesmo tempo. Criou doze filhos de sangue (contou que perdeu 10) e mais nove adotados. Fui a nona.

Cuidava de todos com o mesmo amor, não poupando castigos e serviços da casa a todos nós.

Minha semana de cozinhar era dura. Tinha de subir no pilão para alcançar às panelas do fogão a lenha.

Como cada uma das filhas adotivas. Tínhamos origem diferentes cada um tinha cor diferente e formávamos uma verdadeira caixa de lápis coloridos.

Quando eu cometia alguma travessura, ela me chamava e olhando nos meus olhos (os dela eram uma mistura de castanho e cinza) e dizia:

— Não acredito que você fez isso!

Eu sentia meus pés sumir no chão e acabava contando o que fizera.

Foi assim que ela descobriu que eu estava fumando escondida influenciada por minha companheira de quarto. Pelo olfato ela descobriu “meu cinzeiro”, um pote de Pond’s.

Ela levou o pote, lavou-o e colocou no lugar dizendo:

— Não posso proibir você de fumar, mas seu quarto está com um cheiro horrível!

Nunca mais fumei!